



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 29 de Novembro de 2014 • Ano LXXI • N.º 1845 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Contrastes

O mundo dos homens está cheio deles. Alguns são diversidade enriquecedora; outros são clivagens na relação, provocadas pelo egoísmo.

Pai Américo, na sua vida de trabalho pela justiça, aplicava uma expressão que lhe era muito querida: Dar a mão. Um gesto que tem o poder de aplanar montes e preencher abismos, de destruir a injustiça que separa os homens.

Desde pequenina que a criança gosta, e em certa altura precisa, de dar a mão a outro mais velho em quem confia. Dar a mão e confiar. Como é lindo para quem vê, assistir a este contraste de estados de desenvolvimento fazendo caminho lado a lado, no mesmo sentido, de mão dada!

O mundo foi feito para viver assim. Viver e crescer assim.

No entanto, quando o eu pessoal ou do grupo fazem prevalecer os seus interesses, temos obra imperfeita, e os contrastes aumentam. Contrastes por obra da injustiça.

Como pode ter alegria quem cava neste fosso? Como pode ter paz se fomentam a guerra? Que adianta ao homem ganhar tudo e todos se não envereda pelo caminho da alegria que conduz à vida?

A procura da riqueza desmedida, do poder dominador sobre os outros, dos prazeres luxuriantes requintados, continuam a ser a miragem das falsas alegrias e as

causas da injustiça que se instala e alastra no coração dos homens.

Onde quer que nos encontremos topamos sempre estes males, resultantes do tropeçar dos que caminham na escuridão, pensando ver. A atitude de dar a mão rasga estas trevas e abre horizontes de vida.

Estive na nossa Casa de Moçambique. Constatei os contrastes da sociedade e as mãos que se têm dado e trabalhado a construir a justiça. Quanta violência têm de fazer a si mesmos os construtores da paz?! Lentamente aparecem os resultados do seu trabalho, guardados num cofre onde o injusto não entra nem a traça penetra.

É lento o processo que conduz à vida e rápido o que traz a perdição, como é penoso construir e fácil destruir. Se à ida os trabalhadores vão «a chorar levando as sementes», à «volta vêm a cantar trazendo os molhos de espigas». Esta alegria só a tem quem constrói a paz.

São mais nítidos lá os contrastes. Não se podem encobrir ou iludir. Por isso o acto de dar a mão é feito com mais confiança, renunciando colheitas mais abundantes. Não é menos árduo o trabalho da sementeira mas augura melhores frutos quando feito em boa terra e na verdade.

O mundo tem outra linguagem e outras ferramentas. Não o vemos a convidar à partilha mas a olhar cada um para o seu umbigo. E ainda que fale de solidariedade ou de responsabilidade social não se dispõe a perder nada do que tem. Por isso é tão valioso o gesto de dar a mão, pelo qual recebem ambas do que precisam, e ambas dão e recebem desfazendo os contrastes injustos. □

MALANJE

Padre Rafael

Visita à Argentina

JÁ faz um mês que regressámos da nossa visita à Argentina. Foram dias de conhecer a terra que viu nascer o nosso Papa Francisco. Não é casualidade esse amor pelos Pobres, nem esse olhar de ternura para eles. Não são casualidade essas palavras contra as injustiças estruturais. Não é casualidade esse humanismo que sai pelos poros da pele. Não é casualidade esse humor elegante ou essa forma de dizer as verdades com arte. Não é casualidade que seja Argentino.

Tenho de reconhecer que não gosto de viajar e, ao mesmo tempo, dizer que, desde que saí do meu Continente, se me dilataram os pulmões. Quando respiramos outras culturas, não temos outro caminho que dialogar interiormente com elas. Como se regenera cada uma das nossas células,

também somos regenerados e, de algum modo, ressuscitados.

Um dos piores legados de qualquer cultura são os preconceitos. Por outro lado, são inevitáveis, fundamentalmente porque não damos a oportunidade de mudar às pessoas ou às realidades. Quanto daria por viver um segundo sem preconceitos e deixar-me invadir pela realidade com toda a sua verdade. Que triste quando os preconceitos que os outros de nós têm nos obrigam a colocar uma máscara.

Afinal, te perguntas, o que tudo isto tem a ver com a Argentina? E eu respondo-te que: muito! Pois aquilo que fica de qualquer visita, para além das fotografias, é o que te move por dentro. Creio que a Obra é imensamente maior que as nossas limitações. Muros baixos e portas abertas, para que seja mais fácil sair que entrar... Deixemos sair aquilo que nos deixa amar com maiúsculas. A liberdade é maior quando é conquistada pelo amor no dia-a-dia.

Continua na página 3

Entrada principal da Casa do Gaiato de Maputo



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O cuidado com os pobres, para resultar em fruto apostólico, não pode ser de qualquer maneira, tem de ser inundado de um Espírito de Pobre, o mesmo que é dizer, evangelicamente. Ou, melhor ainda, à moda de Jesus.

A assistência dos cristãos ao pobre não se confina a uma mera solidariedade, mas tem de ser uma acção imbuída de amor e de sacrifício, pois só estes valores lhe dão o vigor do apostolado.

É uma senhora pobre, catequista incansável, mãe de quatro filhos. Trabalha no campo, numa agricultura de subsistência, manualmente.

Aqui há tempos, oferecia-me um saco de batatas, se as quisesse trazer para a Casa do Gaiato. Tenho pena de não as ter comido com os Rapazes, pois o seu sabor devia lembrar o paladar do céu, tal o carinho e a vontade com que as apresentava. Agora escreve-me:

«Olá Sr. Padre Acílio. Espero e desejo que vá aguentando na saúde, para ir continuando nessas suas tarefas a que o chamamento de Deus o leva.

Eu pertenço à freguesia tal (omito por discricção), e uma vez mais, neste mês de Outubro, me dispus fazer o pedido para a Obra do Gaiato, para entregar ao Sr. Padre Acílio. Só que neste mês fui operada a um dos olhos e assim, faltei ao Rosário na igreja, uma grande parte do mês. Assim, dirigi-me às pessoas que costumam dar e pedi pessoalmente. E assim vão 500€ para as suas tarefas.

Olhe, todas as eucaristias eu me uno ao Senhor, a pedir por si. Espero que faça o mesmo por mim.»

Ora aqui está. Assim, sim. Esmola sacrificada, conseguida com amor, sob o olhar da Mãe de Deus e Nossa.

Eu ajoelho e o meu coração enche-se de luz! Sinto o bafo de Deus nestes ges-

tos puros a transbordarem simplicidade, comunhão e fé!

Que dinheiro abençoado por tanta riqueza interior e sobrenatural!...

Como contrasta este procedimento com aqueloutro de um amigo que me convida a assistir a uma festa de fados e guitarradas com o fim de angariar verba para o arranjo de uma casa onde o Património havia colaborado.

Meu Deus! Esta gente movimenta-se porque motivo? Será por amor ao pobre?!

Quanto o Padre Américo “cascou” nos chás-canastra, nas festas, nos banquetes e nas rifas, a favor dos pobres?! Quanto?... E naquele tempo!...

Hoje, com cinquenta anos de Concílio Vaticano II e a explosão Papal da “Alegria do Evangelho”, continuamos agarrados a processos mundanos, sem qualquer cheiro à mentalidade de Jesus que só servem para promover a vaidade e o interesse das

pessoas e nunca para servir a dignidade do pobre, ultrajada pela desmedida montanha de pecados de omissão.

As esmolas do Património dos Pobres são coisa sagrada. Elas resultam de tanta renúncia penitencial, tanto sacrifício feito por Amor de Deus e de tanta fé que será sempre uma profanação caldeá-las com dinheiro provenientes de fontes mundanas.

Os valores enviados pelo Património dos Pobres para ajuda das paróquias, no seu dever espiritual de socorrer os pobres, devem ser encarados como um estímulo para fazer o mesmo que efectuam os Amigos do Património. Estes não se buscam a si mesmos, escondem-se. Não fazem festas, choram. Não passeiam, nem se regalam com banquetes, jejuam. Não arrecadam no seu pecúlio para “chular” os outros. Não. Eles apresentam-se à frente, com os olhos em Deus e tiram do que lhes faz falta.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OS OSSOS DO OFÍCIO — Depois de concluídas as obras de reparação em duas das “nossas” casas do Património dos Pobres que mais disso careciam e com estas duas já habitadas pelos seus novos moradores, queríamos já ter avançado para a terceira que também precisa de uma intervenção urgente.

Infelizmente aqui, como já estávamos a contar, a “reparação” que mais seria preciso fazer era mudar os comportamentos de quem lá mora há muitos anos e que, também, ao longo de todos esses anos, tem tido comportamentos condenáveis para com a Conferência Vicentina, quando a Conferência só tem feito uma coisa que é ajudar essa pessoa. A misericórdia de Deus é infinita e manda-nos também perdoar sempre. Assim temos procurado fazer, e assim continuaremos a fazer. O problema é que esses comportamentos condenáveis já não são, agora, ditos maldosos que nos entram por um ouvido e saem pelo outro, mas comportamentos de obstrução da realização das obras que são urgentes, que queremos fazer, mas que, assim, fica muito difícil fazer, sendo depois a “culpa” da Conferência Vicentina.

Deus é grande e, por isso, lá nos ajudará a levar esta tarefa a bom termo, sem a necessidade da tomada de medidas drásticas que não sabemos, nem queremos tomar.

Os leitores que nos desculpem estes desabafos sobre estes “ossos do ofício”. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

POMAR — O nosso está muito limpo. Nele temos árvores de diópiros, laranjeiras, ameixoeiras, pessegueiros e figueiras. No meio temos o galinheiro. Neste criámos coelhos, galinhas, patos, gansos e pombas. As galinhas dão-nos ovos. É uma parte muito bonita da nossa Aldeia.

TIPOGRAFIA — Os nossos tipógrafos começaram a lançar o livro de Banda Desenhada do nosso querido Pai Américo. É impresso a cores, e quem o quiser comprar ou recomendar basta telefonar ou escrever para a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Esperamos que muitas pessoas gostem do novo livro.

VIAGEM — O nosso Padre Júlio viajou a Moçambique, para a nossa Casa do Gaiato de Maputo. Quando lá chegou foi bem recebido pelo Padre Zé Maria, Irmã Quitéria e pelos Rapazes. Ficaram muito contentes pela sua visita. Encontrou o Vicente que esteve cá em Paço de Sousa. Quando regressou, o Padre Manuel António e a D. Teresa partiram para Angola, para a nossa Casa do Gaiato de Benguela.

ALDEIA — Os nossos Rapazes têm andado a limpar as ruas que vão ficando cobertas de folhas. Todos os anos pelo Outono, caem as folhas das árvores, que nós vamos limpando conforme vão caindo. Estas folhas vão para a nossa vacaria para fazer estrume, o qual vai depois para os nossos campos. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

JANTAR DE NATAL — É já no dia 13 de Dezembro (sábado), pelas 19h30, em Rans, Penafiel, que se irá realizar o já ansiado Jantar convívio comemorativo da época natalícia. Que melhor ocasião para juntar a família gaiata no espírito da *Família de Nazaré*? Precisamos todos de sentir que o simbolismo do Natal, vem propriamente do fortalecimento e reafirmação do significado laços inquebráveis da *Família* que Pai Américo tanto incutiu no espírito e no coração dos rapazes sem-eira-nem-beira, que se fizeram homens no seio da Casa do Gaiato, sua família paterna para sempre e servem hoje de exemplo aos mais novos.

Como também já é do conhecimento de todos, cada pessoa deve trazer uma prenda simbólica para oferecer, não esquecendo as crianças por maioria de razão. As reservas devem ser feitas o mais rápido possível para os contactos números 912163569 ou 917414417.

ACTIVIDADES — Quando lerem esta crónica já se realizou o tradicional Magusto, no Domingo de 16 de Novembro. Assaram-se as castanhas. O ambiente, como é nosso apanágio, esteve bem animado certamente. A nossa “Tuna Musical”, já muito bem afinada, pelo incansável presidente da associação, o dinamizador, ensaiador e maestro Miguel brilhou como sempre, com canções tradicionais portuguesas tão do nosso agrado.

Temos como principal desiderato, conseguir um convívio, o mais familiar possível, em que a partilha e a sã convivência nos faça sentir que com união, todos os esforços valem a pena e a Associação continue no bom caminho para ser um ponto de encontro dos antigos gaiatos, afinal um dos grandes objectivos para que foi criada impregnada do espírito de solidariedade cada vez mais necessário e actuante.

Também já se encontram em velocidade de cruzeiro as aulas musicais e aulas de Pintura. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Depois de vários dias de Sol, a chuva regressou a 2 de Novembro e com vento. Nos olivais, este ano agrícola não foi favorável à azeitona, cuja apanha terminou mais cedo, pois muitos frutos estragaram-se, ficando bichados e mirrados. Trinta sacos de azeitonas foram levados a 4 de Novembro a um lagar de Oliveira do Hospital, onde se extraiu o precioso azeite! Na nossa horta, o couval de couve troncha está muito bonito! A leira de nabijas, ao lado, tem crescido bem. Tem de se arranjar, logo que possível, frangos de carne para o nosso galinheiro.

DESPORTO — Os treinos, de preparação física e futebol, vão con-

tinuando aos Sábados, às 15 horas, pois é uma dimensão boa no nosso desenvolvimento. A disciplina é fundamental para correrem bem.

ENSINO — O primeiro período já vai adiantado, frequentando os Rapazes várias Escolas: Centro Educativo (1.º Ciclo), Escolas do 2.º e 3.º Ciclos e Secundário de Miranda do Corvo e do Senhor da Serra, e Escola Tecnológica e Profissional de Sicó. No estudo são bem acompanhados pelos nossos Professores destacados, no nosso Centro de Estudo depois das aulas. Para além do interesse pelas matérias, é importante o comportamento correcto. Dos livros usados que nos vão dando, para a nossa

biblioteca, podemos ler obras para a nossa idade.

VIDA ESPIRITUAL — No dia 23 de Outubro, foi celebrada a Eucaristia na nossa Casa dos 127 anos do nascimento do nosso querido Padre (Pai) Américo, que veio à luz em Galegos (Penafiel), sendo o último de 8 irmãos! No dia 1 de Novembro, Solenidade de Todos os Santos, e no dia seguinte, Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, rezámos a Missa na nossa Capela. Todos os nossos familiares, os que viveram nas várias Casas da Obra da Rua, os nossos amigos e amigas, e os mais esquecidos do mundo foram lembrados com muita saudade e gratidão! □

BANDA DESENHADA

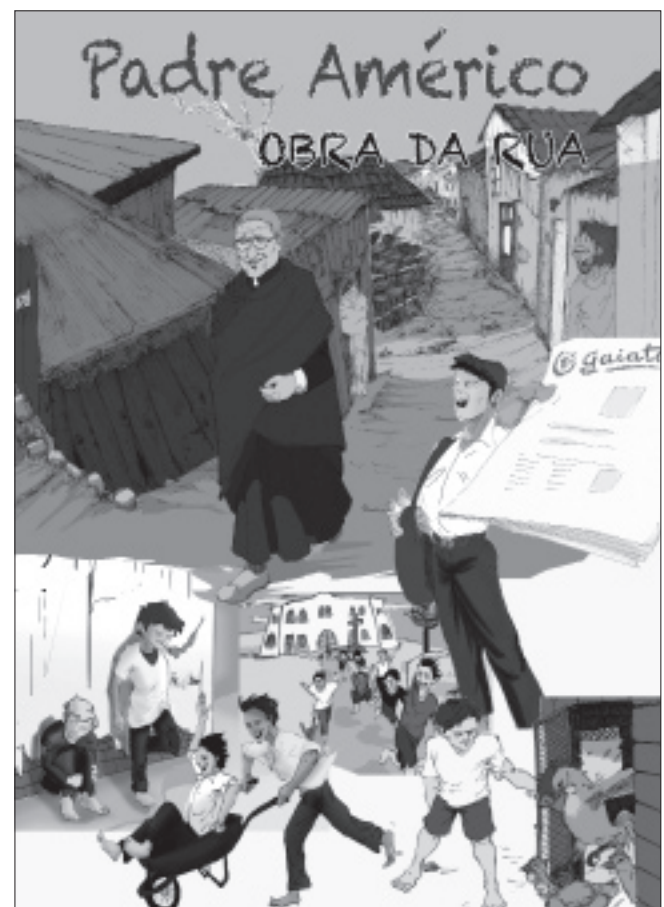
Estará pronta e à espera de ser encomendada pelos nossos Amigos e Leitores d'O GAIATO, quando esta notícia vos chegar às mãos. São cento e doze páginas coloridas a contar a vida do Américo, do Padre Américo e do Pai Américo — que assim se escreveu a História da Obra da Rua.

Depois do lançamento dos 14 capítulos que a compõem, a preto e branco, foi o entusiasmo dos nossos Amigos e Leitores que nos levou a pensá-la a cores e num volume só — até para compensar um ou outro capítulo que se tenha extraviado e deixado a colecção incompleta.

O conteúdo desta Banda Desenhada foi pensado para todas as idades e como meio de divulgação do pensamento do Fundador. Sendo uma belíssima prenda a ofertar neste tempo de troca de mimos e uma forma de levar a mais pessoas o conhecimento da nossa Obra e das nossas Casas do Gaiato.

Alguns já encomendaram. E os Amigos queensem fazê-lo também, devem dirigir o pedido à *Casa do Gaiato*, 4560-383 Paço de Sousa. Pelo telefone 255752285 ou por e-mail: obradarua@iol.pt.

Júlio A. B. Fernandes



DOCTRINA

Pai Américo

Retalhos de esperança e de desalento...

CINCO meses de chuva impertinente que ninguém quer; milhares de braços de quedo, no meio dos nossos campos, à espera que o sol venha secar as terras e germinar o pão; a senhora fome com seu cortejo, a bater à porta de toda a gente e os Pobres não têm outro remédio senão o de abri-las de par em par! Temo-la visto já sentada à mesa deles, manto negro e olhar fixo na porta, sempre à espera de alguém que venha. Ela apaga o lume na lareira, enxuga o azeite nas bilhas, limpa arcas e gavetas, leva coisas ao prego e planta-se no meio da casa a falar à Sopa pela boca das mães: «De mim, senhor, já não faço caso; mas estes pequeninos, meus filhos!» E quando a gente vira costas a estes casos lancinantes e dá de cara com o mundo descarado e irreverente — isso que para aí se vê — a gente, digo, deixa cair os olhos nas pedras da rua e esconde as lágrimas no coração, que estas somente as mostro aos Pobres; quem passa não é digno delas.

L EITOR querido, se tens muito de teu, vive como se foras pobre e acode aos Pobres da Sopa. Poupa por amor de Deus. Dinheiros acumulados, fortunas inúteis criadas dentro de um Eu, juros em cima de juros — um mundo de injus-

tiças. Diziam as gazetas de há tempos, em letra mui miudinha e no fundo de uma coluna, que num *pueblo* de Espanha morrera de fome e frio, dentro de uma casita, um Pobre de setenta e dois! *Los grandes de España sem grandeza nenhuma. São assim, em toda a parte, los grandes.*

F OI no sábado *in albis*, pelas três da tarde, a Páscoa infantil nos hospitais da cidade. Um moço da Briosa, capa e batina, oferece-se casualmente para auxiliar. Não o conheço, nem ele a mim. O cortejo assim formado (ele, duas raparigas do povo, mais eu) entra nas enfermarias, passa à beira de camas e doentes e dá amêndoas, arrufadas, roupas, coisas — um «toma lá» hilariante e benfazejo e minutos de muita alegria. Duas horas depois, dávamos fundo nos Lázarus: lepra, tinha, pulmões, coisas deformantes — muito sofrer. Lá ao fundo, numa enfermaria especial, o pior de todos os males: a mulher mercadoria!

U M sacerdote diz bem em toda a parte e pode passar na lama sem cair nela, devagar, com muito jeito, encostadinho à Graça de Deus! Apostolado divino feito todo de amor, por amor, só ele e mais nenhum excita amor nos corações. Política, dinheiro, força — tudo bagagem inútil na vida dos apóstolos. Nem dinheiro nem bordão — amor!



SETÚBAL

Padre Acílio

Recursos Humanos

SÃO cinco os Rapazes desta Casa que acabaram, há pouco, o Curso de Sargento na Marinha Portuguesa. Já saíram. Quase todos se estabeleceram e começaram a sua própria família.

Vêm muitas vezes, mensalmente ou ainda mais amiúde, mostrar-nos os filhos acompanhados das esposas! Claro que estas visitas deliciam-nos.

— *Sabe, especializei-me em Recursos Humanos.*

— *Mas então o que é isso?*

— *Ora! É o que nós fazíamos aqui em Casa e que eu, sem saber, já tinha aprendido.*

— *Então explica-me.*

— *Então não vê o que fazem os chefes? Não distribuem as tarefas conforme a capacidade de cada um? Isto são Recursos Humanos!*

— Diz-me o Guilherme com uma grande gargalhada!

Sim. Numa Obra de Rapazes, para e pelos Rapazes, nada se faz sem o aproveitamento destes meios e, sem dar por isso, os Rapazes aprendem, quase intuitivamente, uma técnica que se tornou ciência.

Faltas disciplinares

SÃO sete os do 5.º Ano. Cinco fazem parte da mesma turma.

Outro dia trouxeram, no Caderno do Aluno, todos o mesmo recado que a Directora da Turma havia escrito no quadro.

Queixava-se a Senhora do barulho, na entrada da aula e na difi-

culdade em acalmar a rapaziada para começar a lição.

Todos me juraram que não eram eles, mas os outros.

Muito bem. Então, mandei eu um recado à Senhora Professora, Directora de Turma: *O meu educando diz que não é ele. Será verdade? Ele está atento e interessado na aula?*

A resposta veio prontamente acerca dos três: *Sim é um aluno interessado e atento!*

Esfreguei as mãos de contente...

Mas dois não apresentaram nada.

Passados dias, um veio, pressionado pelo Professor de História, mostrar-me o caderno com a seguinte participação: *Não tem interesse. Perturba a aula e ameaça o companheiro.*

A data passava, nesta altura, dez dias!

Fiquei tolhido de tristeza e indignação.

Conversámos e ele prometeu-me emenda.

— *Então disseste-me que não entravas no rol dos perturbadores e... afinal... mentiste-me...*

Conversámos. Ou melhor, falei eu para ele, pois a sua boca e os seus olhos apenas proferiam as palavras *sim, é, não, tá bem* (está bem).

Espero que o Jedinelson faça o que prometeu. Vou estar atento e, todos os Sábados à tarde, terá de estudar para se reassumir.

Mais complicado foi o Seide.

O ano passado tive de lhe tirar o telemóvel (que ainda dorme no meu quarto); reprovou e continuava a arruinar-se.

A participação da Professora foi por telefone:

— *Ele tem três recados no caderno por assinar. Com duas faltas disciplinares!*

Fiquei ao rubro e, enquanto os outros rezavam o Terço na sala de jantar, chamei o Seide ao escritório e verifiquei que o rapaz estava cheio de medo.

— *Traz-me o teu caderno!*

Seide está numa pré-adolescência bastante forte, o que lhe provoca uma certa escuridão de ideal. Tenho de o agarrar com firmeza e inteligência.

Vejo os recados. Leio-os e faço-o ler também.

— *Que dizes?*

Olha para o chão, olha para mim... e... nada!

Um silêncio longo nos envolve a ambos. Às vezes o silêncio exprime melhor as ideias e os sentimentos que as próprias palavras!

Rompendo a tristeza que o mutismo revestia:

— *Então, Seide, andamos todos a tratar de ti e tu não queres saber!... Tens boa comida, boa roupa, bom autocarro, água quente para os banhos. Tens professores, aulas, luz, escola... tens tudo para ti e tu não te queres a ti próprio? Andas a tratar de ti?*

Os olhos do Seide são grandes e ramalhudos. Fita-me com um "Não Senhor"!

A conversa foi longa e calma mas terminou com ameaça:

— *Se não te emendas, prà outra vez, não te chamo aqui sozinho, faço tribunal e és castigado a sério. Vê lá. Não me obrigues.*

Os colegas foram dizer à senhora:

— *O Seide não tem culpa! É uma gorda que está sempre a picá-lo.* □

VINDE VER!

Padre Quim

Comunidade

OUTRA vez as acácias rubras se vestiram de trajes lindos. É pela avenida que vai dar à Capela. É ao Domingo que os rapazes, ao passar, saltam para colher um cacho vermelho de flocos que a natureza oferece ao sol e chuva miúda de Novembro por estas paragens. É tempo de exames escolares. Colheita à vista de quanto foi lançado à terra durante o ano lectivo. Esperamos frutos abundantes.

Dois grupos de jovens e adultos estiveram em nossa Casa no dia do aniversário da Independência. Trinta e nove anos foram já celebrados desde que esta jovem Nação se tornou independente. Esta é uma palavra ambígua por quanto de duvidoso ela encerra no alcance da compreensão dos significados. Pois não há independência absoluta debaixo do sol. Nascemos dependentes, e quando deixarmos este mundo ainda o seremos. Somos seres sociais por natureza. Não escravos! O homem se realiza na sociedade dos homens, eis a dependência saudável. Percorreremos as varias instalações da Casa. Os cicrones não foram achados, o chefe andou a saber deles, e nada. Quiseram ser independentes da norma. Oh, mundo, que te orgulhas independente da Doutrina do Pai Celeste! E geras filhos que só o amor pode congrega na unidade.

As ofertas que nos vão chegando dão-nos esperança e segurança. É tudo informal, os programas do corações generosos não contemplam os ditos formalismos. Atrasou-se o grupo da comunicação social, e como era para dar na televisão, tivemos que esperar. É a imagem e não a realidade. O amor é autentico quando não tem necessidade de dar nas vistas. A verdade não se embeleza, é tal e qual a ela mesma.

O «Messias» voltou à Casa donde tinha fugido no meio do ano, andou perdido pela Catumbela. Uma velhinha veio trazê-lo. Pois, tinha começado a roubar e a sofrer os maus tratos dos vizinhos. A criança assim é nossa. Disseram-nos que tinha vindo com o pai desde o Congo Democrático e por cá era usado para roubar. O pecado é o mal, e por ser impingido a um menor de idade torna-se duplo crime diante de Deus e dos homens. Já não pode continuar na escola pois estão em fase de exame. Para o ano há-de regressar às carteiras, se até lá não fugir. Já vai na terceira fuga. A rua é atraente para despistar a criança. Quanto mais longe dela melhor para o pequenino. As nossas comunidades estão longe da rua, embora haja, como o «Messias», quem ouse transpor a linha proibida. *Tudo é permitido excepto pecar*, assegurava Pai Américo. E se um desses pequeninos fosse deixado na rua, não teria as responsabilidades que hoje tem. Não saberia aonde nem como pecava. Hoje sabe.

Começou a febre das mangas, foram nomeados os responsáveis para apanhar a fruta para todos. Os nossos tribunais, no final da oração, dão muita luz e aguçam a consciência. Todos aqui vêm prestar contas dos seus actos. Os bons, para que melhorem; e os maus, para que se transformem. E por saber de cor a norma, muito será pedido, tal e qual aos talentos que foram confiados aos servos.

Sentença eterna! □

OS MENINOS DA SENHORA MABÍLIA

Padre João

HÁ dias fui almoçar à Lentisqueira com a Senhora Mabília. Depois que Padre Horácio faleceu, em 2000, não tardou a ausentar-se da Casa do Gaiato de Miranda. Prendia-a àquela Casa, em primeiro lugar, os «meninos do Gaiato», mas também a memória da sua madrinha a «Ti Maria Morais», irmã do senhor Padre Horácio, e o próprio Padre Horácio. Com o desaparecimento deste, resolveu retirar-se para a Lentisqueira, tanto mais que a sua irmã Augusta, então doente, precisava dos seus cuidados e atenções. Mabília tinha também uma predilecção especial pelos doentes...

Durante o almoço íamos conversando da Casa do Gaiato. Era inevitável: «A boca fala da abundância do coração...». Dos «meninos» desse tempo... Eu ia de memória acesa e preparado com fotos de circunstância. É claro que, de entre todos os daquele tempo, o Carlitos era o mais «citado», sem exclusão de outros. De facto, quando chegou, era ainda muito

pequenino; nem dois anos tinha completado... Coube pois, a esta senhora, a gratificante tarefa de lhe dar «maternidade» - bem reconhecida por ele e por todos, que, como muito bem diz o povo: «parir é dor e criar é amor». Por essa altura, vieram com ele, outros 3 manos: o João, o Marcos e o Vitinho. Juntar-se ia, meses mais tarde, a eles um quarto — O Brunito, logo que o tribunal de Vila Franca de Xira, de onde eram naturais, deu despacho ao processo judicial de protecção-promoção.

Afagando as fotos, uma a uma, como se nelas percebesse um rosto vivo, Mabília, ia balbuciando comovida: «eram tão bons meninos...!».

Há tempos que lhe tinha prometido, depois de saber o seu paradeiro, ir com ela visitá-los a Alenquer, onde actualmente residem ambos, na mesma casa, o Carlitos e o Brunito.

O almoço deu tempo para nos inteirarmos da vida todos e de cada um. Tendo ficado impedido de ir com ela ao encontro deles, nessa altura, um antigo Gaiato, membro da Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos do Centro, prestou-lhe esse favor. A Senhora Mabília estava feliz por ter reencontrado os «seus meninos», de novo; sobretudo, por saber que tinham trabalho e andavam de saúde. Quer lá voltar, em breve. Desta vez iremos os dois. Um dia, Deus quis que as nossas vidas se tivessem cruzado com as deles, na alegria, no sofrimento e no Dom. Mabília, na sua terra, a terra do Padre Horácio, nunca esquece os «seus meninos...». Estes e outros que nunca mais esqueceremos por neles, poderemos contemplar e adorar a Palavra de Jesus em Mt. 25, 31-46, proposta pela liturgia neste Domingo de Cristo Rei, acerca da matéria do Juízo Final: «Eu estava abandonado e perdido e os teus braços me acolheram». □

Somente o amor de Deus atrai, fascina, convence, toca os corações mais calejados, faz curvas linhas rectas e acende nas almas desejos de perfeição! «Eu vim trazer Fogo à terra.» Este Fogo queima sem consumir e não deixa a gente ter paz. Pelas cinco horas da tarde tínhamos concluído a tarefa. À roda dos cestos vazios mastigámos um bolo que sobrou, todos muito contentes e muito palreiros. Numa casita perto, mui pobrezinha, deram-nos um chazito. E aqueles belos pares de meias pretas que alguém nessa tarde me ofereceu, foram postos a meias entre mim e o estudante. Foi assim a Páscoa pequenina, dos pequeninos doentes.

Do livro *Pão dos Pobres*. 1.º vol.

MALANJE

Padre Rafael

Continuação da página 1

E depois destas dissertações — que são apenas para partilhar um pouco do que sinto — a vida da Casa é a nossa vida. É altura de nos dedicarmos à sementeira do milho e do feijão... e continuarmos o trabalho em silêncio. Cem vidas chamam à nossa porta em cada dia e vemo-nos na obrigação de nos reinventarmos, redimensionarmos para que juntos continuemos a crescer.

Nos últimos Domingos temo-nos reunido para revisar a vida da nossa Casa, aproveitando a oportunidade que nos dão estes cinquenta anos. Voltar a recordar estas sete linhas que nos servem de guia: Autogoverno, liberdade, responsabilidade, valores humanos, vida familiar, união com a natureza, formação religiosa. São sete tardes de Domingo que finalmente darão à luz um regulamento internos feito por eles.

Estão connosco o Bernardo e o Primo Velho, dois gaiatos que foram criados pelo Padre Telmo, nos idos anos 1970. Vieram visitar-nos e pôr em ordem alguns documentos, mas o mais importante é que se sentem em Casa. Tio Bernardo está a fazer de motorista do Padre Telmo todas as manhãs. Primo Velho está a organizar a exploração pecuária. Quando se está em casa, não é necessário dizer o que há para fazer... sempre há que fazer. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O Reino dos Céus é dos violentos. É precisamente pela violência destas pequeninas coisas que as massas desertoras hão-de reflectir nas nossas boas obras e glorificar depois o Pai Celeste (...) Pisamos terreno de que toda a gente foge; lidamos em zonas de muita miséria moral. É preciso sair fora da igreja, combater por todos os lados, perder a vida... para ganhar a Vida!

in *Pão dos Pobres*, vol. 1, pp 166-167.

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTA quinzena tem sido muito tormentosa e, ao mesmo tempo, de radical organização estrutural do futuro desta Casa. Basicamente ficou definida, em Estatuto, a nossa interligação com a Obra da Rua e com a Igreja Diocesana. Para mim, foram estafantes os dias de reuniões e as caminhadas necessárias à cidade, que, ficando perto, nos roubam metade do dia. Mas tudo isso é oração de trabalho, acção de samaritano, para procurar melhor dignidade de vida para aqueles mais de duzentos e vinte Rapazes que Deus entregou em nossas mãos. É como que um redobrar de entrega. Entregámo-nos nas mãos d'Ele, Ele entregou-Se a nós na pessoa dos mais pequeninos e carregamo-los como uma Cruz, com a Fé de chegar junto d'Ele um dia e poder dizer: «Senhor aqui

estão os que me deste. Eram teus e Tu mos deste».

Olhando para a nossa vida com os olhos da carne, é de loucos. A nossa Casa de Maputo gasta do vil dinheiro mais que todas as de Portugal. Olhando à nossa volta aqui, parece todo o mundo de cabeça perdida à procura de lucros, ainda que justos, e assim fosse todo o modo de acumular. Mas a engenharia da corrupção é maior e mais engenhosa que a da justiça e até das leis. Até quem quer ser honesto não o consegue. Num mundo assim, encontrar corações caridosos que percebam e ajudem o nosso trabalho é quase impossível. É mais fácil entregarmos-nos nas mãos de Deus e dizer como Pai Américo: «Senhor toma conta, que eles são mais Teus que meus». E sabemos-lo por experiência, porque a Obra é de Deus, mas

também sabemos que Ele nada faz sem o nosso concurso e há que ir até ao esgotamento dos nossos recursos espirituais e físicos, e fico assombrado como ainda tenho forças para ir tão longe. Como não é a primeira vez que me acontece, penso que não é desta que vou morrer. Vamos em frente com um sonho ou um projeto, como agora se diz. Transformar os recursos dos 1.062 ha da nossa fazenda em fonte de sustentação dos nossos duzentos e vinte e tal Rapazes. Se a sociedade, tão convocada hoje a um compromisso de justiça social pensa que isso é para chinês ouvir, perdoem-me o sarcasmo, quando afinal é a maior beneficiária dos que saem do nosso coração e das nossas mãos, e não nos quer ouvir. Se temos à nossa disposição terra que baste para nosso sustento, não podemos hesitar nem duvidar de que Deus o quer. Mais uma vez me vem o nosso Poeta; «Deus quer, o homem sonha e a Obra nasce». □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Sim. Gostaria muito que as paróquias fizessem peditórios apresentando à comunidade o sofrimento humano dos seus membros, que os Párcos fossem os primeiros a abrir a bolsa e que todos os participantes no Corpo de Cristo se empenhassem de alma e coração, promovendo a dignidade dos próximos mais caídos.

A alegria do Evangelho saía da experiência pessoal do Papa Francisco não resulta de fados nem de festas, mas do despojamento intrínseco da pessoa por Amor de Jesus Cristo na doação total aos pobres.

Para conseguir esta alegria, vale a pena todos os sacrifícios. Ela é sempre uma experiência pessoal que só a capta quem os faz. Não é falando da alegria do Evangelho que a gente a conquista, mas somente vivendo o mesmo Evangelho.

Como andamos longe!..., apesar de se escrever e falar tanto! Quanto mais se fala, sem experiência desta alegria, mais a expressão perde o peso que ela mesma encerra. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Somos uma Casa de Família

A família, em muitos casos, é o único sustentáculo da multidão de existências pessoais. É a base da subsistência única, onde se encontra, normalmente, o apoio material e afectivo. Por isso, deve ser reconhecida e animada de tal maneira que se transforme num benefício para todos os necessitados. Ao escrever estas linhas, meus olhos poisaram nestas palavras de Pai Américo, a propósito das Casas do Gaiato: «O padrão da Obra da Rua é a Família; vida familiar. Eis a escola natural da sólida formação do homem. Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão». As Casas do Gaiato, ramo maravilhoso da árvore que é a Obra da Rua, cobrem os filhos que foram abandonados pelas suas famílias. Estas crianças, em grande maioria, têm a rua como suas casas de família. Verdadeira desgraça social! Por isso, a nossa Casa do Gaiato de Benguela nasceu e quer ser a Casa de Família dos filhos sem família. Deste modo, a melhor forma de ajudar a nossa Casa do Gaiato é assumir a paternidade ou a maternidade dos filhos que nela vivem, com o amor traduzido nas ofertas de cada um, dentro das possibilidades materiais e morais. Deste modo, esta família manifesta a força intrínseca que deve animar todas as famílias naturais, de modo a render cem por um e

em benefício de todos os necessitados que nela habitam.

As centenas de filhos, criados e educados em nossa Casa do Gaiato, como nas outras, dão testemunho da solidez e riqueza humana do ambiente familiar. De vez em quando, o meu coração exulta de alegria, ao escutar a voz dalguns destes filhos, na intimidade: «Sou o que sou, graças à família da Casa do Gaiato. Seria lixo da rua, se não tivesse sido acolhido como filho». Este desabafo saiu do coração dum dos filhos que está, neste momento, numa posição social elevada e admirável. É certo que nem todos atingem o mesmo patamar, como acontece nas famílias naturais. As oportunidades, porém, são dadas a todos, de igual modo. Há dias, uma senhora muito amiga, funcionária superior numa Instituição estatal, ficou admirada quando soube que um dos seus trabalhadores era filho da Casa do Gaiato de Benguela, formado em engenharia. Pedi-lhe que recebesse mais dois rapazes, estudantes do ensino superior. A promessa está feita. Como disse, nem todos os filhos aproveitam as oportunidades que se lhes oferecem. Mas o amor não pode esmorecer. Todos os educadores devem ter um coração de pais, dispostos a dar a vida, até ao fim, pela salvação destes filhos.

Como disse acima, a Casa do

Gaiato é uma Casa de Família, não um Centro, um Colégio, um simples orfanato, ou outra Instituição qualquer. Orienta-se pela Fé cristã, vivida cada dia. Servem-na os padres da rua, homens pobres que não ganham nada além do amor dos rapazes e dos seus benfeitores amigos. As senhoras que deram as suas vidas à Obra da Rua são as mães de família destes filhos abandonados. Mulheres de coração pobre que não ganham nada, além do amor dos rapazes e tudo suportam com heroicidade. É um retrato vivo do que é a nossa Casa do Gaiato e todas as outras. Queremos, pois, que o padrão familiar seja o princípio dinâmico de toda a nossa vida. Por isso, muitos pais batem à porta da Casa do Gaiato, porque sentem muitas dificuldades na educação dos seus filhos. Mas não podem ser acolhidos, porque têm os pais. Têm família. Vivemos das esmolas que nos dão. Nesta hora muito difícil para a nossa Casa do Gaiato de Benguela, contamos com a vossa ajuda, dentro das possibilidades do vosso coração. Na nossa querida Angola, como temos referido várias vezes, o problema do abandono dos filhos, sobretudo da parte dos pais, é um problema social muito grave. A intervenção de todas as forças vivas da sociedade é muito necessária. Toda a criança tem o direito natural de nascer e

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Das estrelas à Estrela de Belém

NA escuridão do céu inacessível, o cintilar das estrelas dá-nos esperança. Quando nos encontramos demasiado ensimesmados nas preocupações da vida quotidiana, nem sempre quedamos no itinerário para contemplar em silêncio a beleza extraordinária da vida e a infinitude inatingível do Cosmos.

Neste sentido, saudamos duas notícias científicas que ilustram a grandeza e a pequenez humana. A Ciência e a Fé não são incompatíveis. No cérebro foram descobertos neurónios dedicados à memória dos lugares e dos percursos. Daí decorre também esta informação do endereço cósmico da Terra: *Laniakea*, que significa *céu imenso e incomensurável*. Trata-se de uma estrutura celeste de 500 milhões de anos luz que agrupa a Via Láctea e cem mil galáxias semelhantes. Nesta visão nova do Universo, demonstra-se melhor que assim é organizado! Isto exige uma intervenção criadora divina. Como entender, ainda, a razão de ser deste minúsculo grão de poeira cósmica em que nos é dado viver? O Senhor do Universo que tudo conhece e todos, moldou o ser humano da terra até à consciência e espírito, com a Sua visão criadora. E deixa-nos caminhos possíveis e reais para O ver, sem ainda O termos visto face a face.

A estes sinais dos tempos positivos contrapõem-se outros desfavoráveis que nos interrogam e estimulam a tornar presente, aqui e agora, o perfume e o sabor do Evangelho. É benéfico ver o percurso de Zaquie que procurava mesmo ver Jesus. De pequena estatura, subiu a um sicómoro e foi grande em lisura. Ao convite do Mestre, desceu depressa para O receber com alegria, escutando: *O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido*. As angústias das pessoas do nosso tempo têm de encontrar eco no coração dos discípulos de Cristo, para credibilizar o Cristianismo. Diante de doenças terríveis, terrores indizíveis e injustiças gritantes, o que fazer? Ser fiel nas coisas pequenas, confiando que *só temos paz em Deus*, conforme atesta a Irmã Hanna, no Líbano, onde atendem refugiados em lágrimas da Síria e do Iraque. Com tantos recursos naturais e económicos no nosso Planeta, o absurdo de atitudes e mentalidades enviesadas quer desfazer o código genético humano e abreviar as partidas terrenas, com tóxicos, armas mortíferas e subvertendo o juramento de Hipócrates.

Por missão e dever de ofício, também vamos percorrendo Centros onde se prestam bem cuidados de saúde. Somos testemunhas, neste recanto da Europa, de tantos encontros de humanidade e bondade de quem se entrega a esta arte de curar e cuidar do corpo. *É a pessoa do homem que há que salvar — o homem todo inteiro*, proclamou o II Concílio do Vaticano. Em matéria de vida humana, vai havendo esforços significativos para aumentar a esperança de vida e defender a sua fragilidade. Contudo, também há o reverso da medalha. A propósito, um sábio médico oncologista segredou-nos o seu desapontamento diante da perversão social do ideal: — *Querem contrariar até a Biologia*. Se todo o despesismo monstruoso das guerras, em coisas fúteis e anti-vida fosse canalizado para a defesa da vida humana e do ambiente, afastava-se imenso o que foi denunciado pelo Papa Francisco: *Considera-se o ser humano como um bem de consumo*, numa incultura do descartável.

Desgostosos do endividamento do nosso País, arregaçando as mangas, com a nossa massa cinzenta e uma justa distribuição da riqueza, outro galo cantaria vitória. Tem sempre lugar e hora o serviço da Caridade, para o qual não é obrigatório um canudo, mas atenção pessoal e intenção de promoção humana e social. Avessos a tecnicismos ociosos e burocratas, com chuva forte e como os lamentos vão ferindo mais, descemos a levar do essencial para a mesa e uns cobertores acabados de chegar, que seguiram direitinhos para lindos meninos de colo, afastados de olhares indiscretos, porque lhes querem tanto mesmo com privações.

Apesar de nos fazer muita espécie, o Mundo infinito aí está sem que nenhum humano o tenha criado. E o Universo e o Homem não são frutos do acaso... O Menino de Belém entreabriu-nos a porta desses Mistérios, dizendo-nos no Presépio e na Cruz que a vida humana é o maior tesouro terreno, mesmo sem berço, mas com os olhos e o calor da Mãe! □

crescer numa família, com o amor do pai e o carinho da mãe. Deste modo, está lançada a base duma sociedade equilibrada. Este tema é muito frequente nesta página. É impressionante a fome e sede de carinho dos corações dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Quem

dera cada um de vós seja parte da sua família espiritual, verdadeiramente responsável pelo seu futuro também. Estendei-nos as vossas mãos com o coração a palpitar de amor. Com um beijinho dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela para todos vós. □